

# A Viúva e o Papagaio

Virginia Woolf

Metas Curriculares  
**Leitura  
obrigatória**  
5.º ano



 Porto  
Editora

**LeR<sup>+</sup>**  
PLANO NACIONAL  
DE LEITURA

# **A Viúva e o Papagaio**

Uma história verídica

Virginia Woolf



Há cerca de cinquenta anos, a Sra. Gage, uma viuva já de certa idade, vivia na sua casa de campo na aldeia de Spilsby, em Yorkshire. Embora fosse coxa e terrivelmente míope, estava a remendar, da melhor forma que podia, um par de velhos tamancos, pois dispunha apenas de uns míseros xelins por semana.

Enquanto martelava no tamanco, o carteiro abriu a porta e atirou-lhe uma carta para o colo.

No remetente lia-se: “Srs, Staggs & Beetle, Rua High Street, no. 67, Lewes, Sussex.” A Sra. Gage abriu a carta, que dizia o seguinte: “Cara senhora; Cabe-nos o dever de a informar da morte do seu irmão, o Sr. Joseph Brand,”

-Deus Seja Louvado!- exclamou.- O meu velho irmão lá se foi!



“Deixa-lhe, em testamento, a sua propriedade”, continuava a carta, “que inclui uma casa de habitação, um estábulo, um pequeno canteiro de pepinos, umas calandras, uns carrinhos de mão, etc., etc., na aldeia de Rodmell, perto de Lewes. Lega-lhe, também, toda a sua fortuna, a saber: £3000 (três mil libras esterlinas).”



A viúva quase caiu na lareira, tal foi a alegria. Não via o irmão há muito tempo. Ele nunca lhe respondera aos cartões de boas festas que lhe enviara todos os anos, pela altura do Natal, e ela acreditava que não recebia resposta devido à sua avareza, característica que tinha desde pequeno e que o impedia de gastar uns míseros centavos no selo. Mas agora tudo parecia correr a seu favor. Com três mil libras, para não falar da casa, etc., etc., ela e a sua família poderiam viver para sempre de forma luxuosa.



Decidiu que devia visitar a aldeia de Rodmell o quanto antes. O padre da aldeia, o reverendo Samuel Tallboys, emprestou-lhe algum dinheiro para o bilhete e, no dia seguinte, estavam finalizados todos os preparativos para a sua viagem. O mais importante de todos foi arranjar quem tomasse conta do seu cão, o Shag, durante a sua ausência. Apesar de pobre, sempre se preocupara com os animais e, muitas vezes, preferia privar-se dela do que deixar o cão sem comer.

Chegou a Lewes na terça-feira à noite. Naquele tempo, não havia nenhuma ponte sobre o rio em Southease, nem a estrada para Newhaven tinha sido construída. Para se conseguir chegar a Rodmell era preciso atravessar o rio Ouse a vau. Ainda se podem encontrar vestígios destes locais de água rasa em algumas partes do rio, mas apenas na maré baixa, quando as pedras que





estão assentes no leito ficam visíveis à tona de água. O Sr. Stacey, o agricultor, seguia para Rodmell na sua carroça e ofereceu-se, gentilmente, para lhe dar boleia. Chegaram a Rodmell por volta das nove horas, numa noite de novembro. Amavelmente, o Sr. Stacey mostrou-lhe onde ficava a casa que o irmão lhe deixara. Bateu à porta. Ninguém atendeu. Voltou a bater. Do outro lado, uma voz muito estranha e esganiçada bradou:

**NÃO** está ninguém em casa!

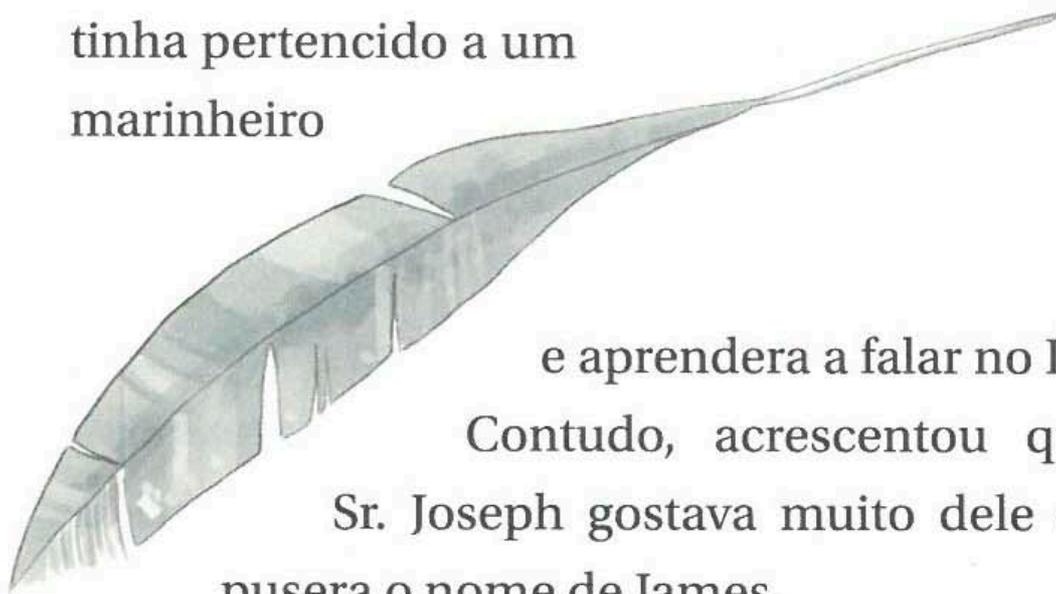
A Sra. Gage assustou-se de tal forma que, se não tivesse ouvido os passos de alguém a aproximar-se, teria fugido a sete pés. No entanto, uma velha senhora da aldeia abriu a porta. Era a Sra. Ford.

10 — Quem foi que gritou lá de dentro “Não está ninguém em casa!”? — perguntou a viúva.

— Maldito pássaro! — exclamou a Sra. Ford, apontando para o papagaio grande e cinzento. — Às vezes, quase me cai o terço das mãos. Fica para ali todo o dia empoleirado, como uma estátua, a gritar “Não está ninguém em casa!”, de cada vez que alguém se aproxima do poleiro.

A Sra. Gage constatou que era, realmente, um pássaro muito bonito, mas as penas, infelizmente, estavam mal tratadas.

— Talvez esteja triste ou apenas com fome — concluiu. Mas a Sra. Ford apressou-se a explicar que tudo não passava de mau feitio; tinha pertencido a um marinheiro



e aprendera a falar no Leste. Contudo, acrescentou que o Sr. Joseph gostava muito dele e lhe pusera o nome de James.

Dizia-se que conversava  
com o papagaio como se  
ele fosse um ser racional.



An illustration showing the lower half of a woman wearing a green skirt and wooden clogs. On the floor, there are several small mushrooms and a blue mouse. The scene is set on a light-colored, textured floor.

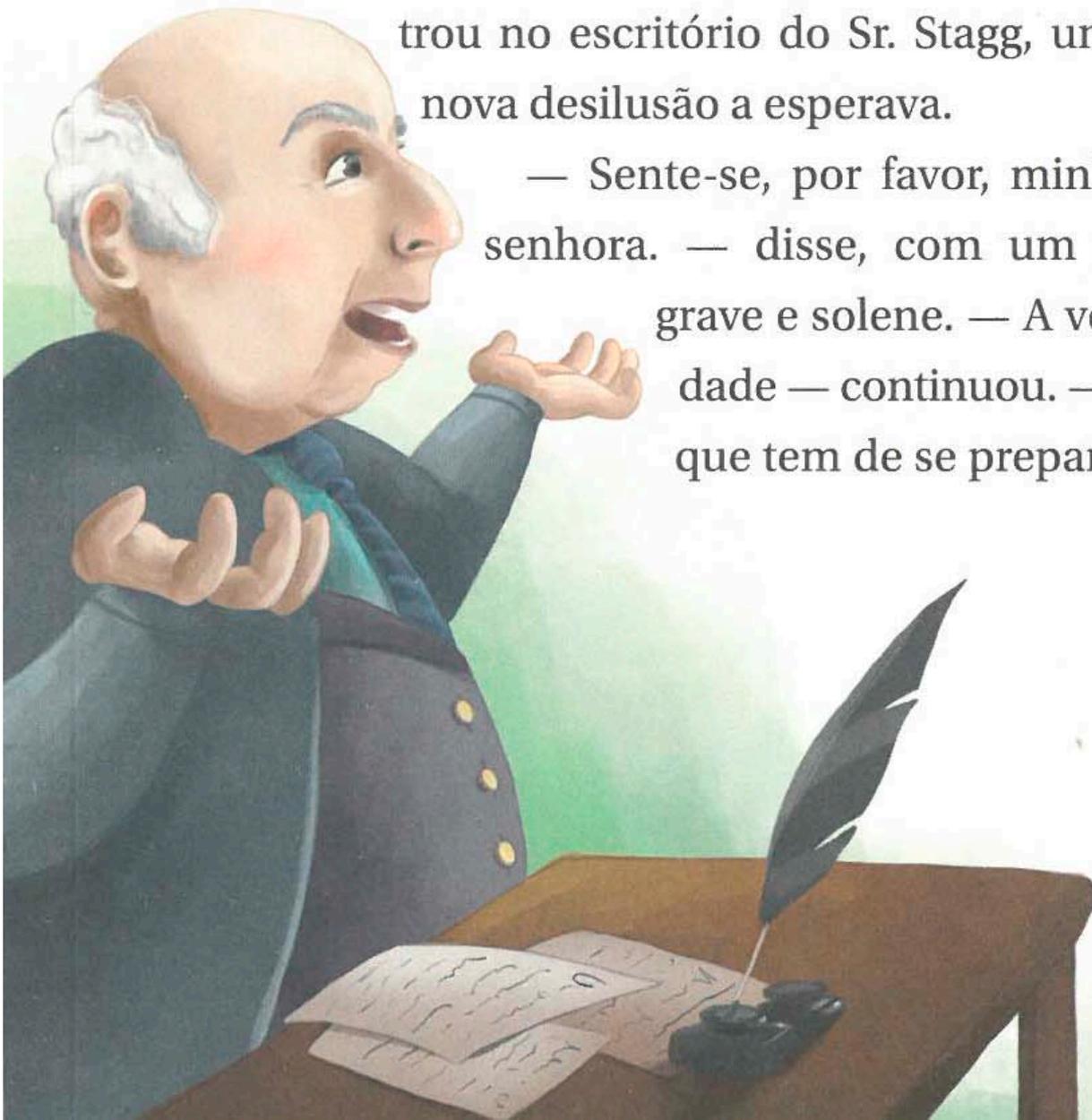
Depois desta curta conversa,  
a aldeã foi-se embora e, assim que  
se viu sozinha, a viúva retirou de  
uma caixinha que trazia consigo um

bocado de açúcar para oferecer ao papagaio, sussurrando-lhe num tom de voz meigo que não lhe ia fazer mal, que era a irmã do seu velho dono que tinha herdado a propriedade e que tudo faria para que ele fosse um pássaro feliz. Com a ajuda de uma lanterna, percorreu a casa para ver o que o irmão lhe deixara. Dececionou-se amargamente. Havia buracos em todos os tapetes. Os assentos das cadeiras tinham caído ao chão. Ratos corriam pela lareira. Por entre os buracos do chão da cozinha começavam a aparecer cogumelos. Não havia uma peça de mobília que valesse um tostão. A Sra. Gage só se conseguia animar ao lembrar-se das três mil libras que permaneciam sãs e salvas no banco de Lewes.



Estava decidida a partir para Lewes no dia seguinte, a fim de reclamar o dinheiro da sua herança aos advogados Stagg & Beetle, seguindo depois para casa, o mais rapidamente possível. O Sr. Stacey, que se dirigia para o mercado com uns belos porcos Berkshire, ofereceu-se novamente para lhe dar boleia e, durante a viagem, contou-lhe histórias terríveis sobre uns jovens que se tinham afogado ao tentarem atravessar o rio com a maré alta. Como se não bastasse, mal a pobre viúva entrou no escritório do Sr. Stagg, uma nova desilusão a esperava.

— Sente-se, por favor, minha senhora. — disse, com um ar grave e solene. — A verdade — continuou. — é que tem de se preparar



para enfrentar notícias muito desagradáveis. Desde que lhe enviei a primeira carta, estive a analisar cuidadosamente os documentos do Sr. Brand e lamento informá-la de que não encontro qualquer vestígio das três mil libras. O Sr. Beetle, meu associado, foi pessoalmente a Rodmell e investigou o local com todo o cuidado, mas não descobriu absolutamente nada — nem ouro, nem prata, nem qualquer valor de outro tipo — exceto um belo pássaro cinzento que a aconselho a vender pelo melhor preço. Segundo o relato do Sr. Beetle, a linguagem do animal é pouco própria.

Mas isso é irrelevante. Receio que tenha feito a viagem em vão.

O local está em ruínas e os nossos honorários são, como sabe, consideráveis.





A esta altura, o Sr. Stagg  
silenciou-se e a Sra. Gage  
percebeu que aquela  
era a sua deixa para sair.  
Ficou desorientada com  
tamanha desilusão.

Não só pedira dinheiro emprestado ao reverendo Samuel Tallboys, como regressaria a casa de mãos a abanar, pois até o papagaio teria de vender para conseguir pagar o bilhete de volta. Chovia torrencialmente, mas nem por isso o advogado lhe dissera para aguardar que a chuva abrandasse. E, na verdade, a Sra. Gage estava tão fora de si que já nem sabia o que fazia. Apesar da chuva, atravessou a pé os prados em direção a Rodmell.



Como disse no início, a viúva coxeava da perna direita. Num dia bom, caminhava devagar, mas, naquele dia, depois de tanta desilusão e atolada nas margens do rio, andava muito mais devagar do que o costume. O dia foi escurecendo, enquanto a velha senhora se arrastava pela lama que ladeava o rio. À medida que caminhava, resmungava, lamentando-se do seu ardiloso irmão Joseph que a fizera passar por “tanto aborrecimento, só para me atormentar”, pensou. “Foi sempre um garoto cruel, desde pequeno”, continuava nas suas cogitações. “Gostava de arrelhar os pobres dos insetos e lembro-me de uma vez ter tentado cortar o pelo a uma lagarta peluda com uma tesoura, mesmo diante dos meus olhos. Era um parasita miserável, o meu irmão. Costumava esconder a mesada dentro de uma árvore oca e, se alguém lhe oferecesse uma fatia de bolo com cobertura ao lanche, retirava a cobertura e guardava-a para comer ao jantar. Não duvido que esteja a arder no inferno neste momento, mas que consolo é que isso me traz?”



Na verdade, não lhe trouxe con-  
sola nenhum pois, absorta nos seus  
pensamentos, acabou por ir de encontro  
a uma vaca que seguia ao longo da margem,  
rebolando, depois, na lama.

Levantou-se da melhor forma que pôde e seguiu caminho. Parecia-lhe que já estava a caminhar há horas. A noite era escura como breu e não se conseguia ver um palmo à frente do nariz. De repente, lembrou-se das palavras do Sr. Stacey sobre o vau do rio.

— Deus seja louvado, — exclamou. — como vou encontrar o caminho de volta? Se a maré estiver cheia ainda fico sem pé e sou arrastada para o mar num instante! Já tantas pessoas se afogaram aqui; isto para não falar dos cavalos, das carroças, dos rebanhos inteiros e das medas de feno.



De facto, metera-se num belo sarilho, naquela escuridão e com toda aquela lama. Mal conseguia ver a água, quanto mais saber se tinha chegado ou não ao vau do rio. Não se viam luzes nenhuma pois, como devem saber, a casa mais próxima era a Asheham House, a residência do Sr. Leonard Woolf. Não havia casas nem chalés daquele lado do rio que ficassem mais perto. Parecia que nada mais havia a fazer do que esperar pelo nascer do dia. Contudo, na sua idade e com os seus ataques de reumatismo, era muito provável que morresse de frio. Por outro lado, se tentasse atravessar o rio



22 era quase certo que se afogaria. O seu estado era tão miserável que não se importaria nada de trocar de lugar com uma das vacas que pastavam no campo. Não havia mulher mais triste nem mais desgraçada em todo o condado de Sussex. Permanecia em pé, na margem do rio, sem saber se devia sentar-se, nadar ou, simplesmente, rebolar pela relva molhada e adormecer ou morrer de frio, conforme o seu destino ditasse.



Mas, naquele momento, algo maravilhoso aconteceu. Uma luz incandescente surgiu, como uma tocha gigante, iluminando cada pedaço de relva e revelando-lhe o vau do rio, a menos de vinte metros de distância. A maré estava baixa e seria fácil atravessá-lo, se a luz não se apagasse antes de ela chegar à outra margem.

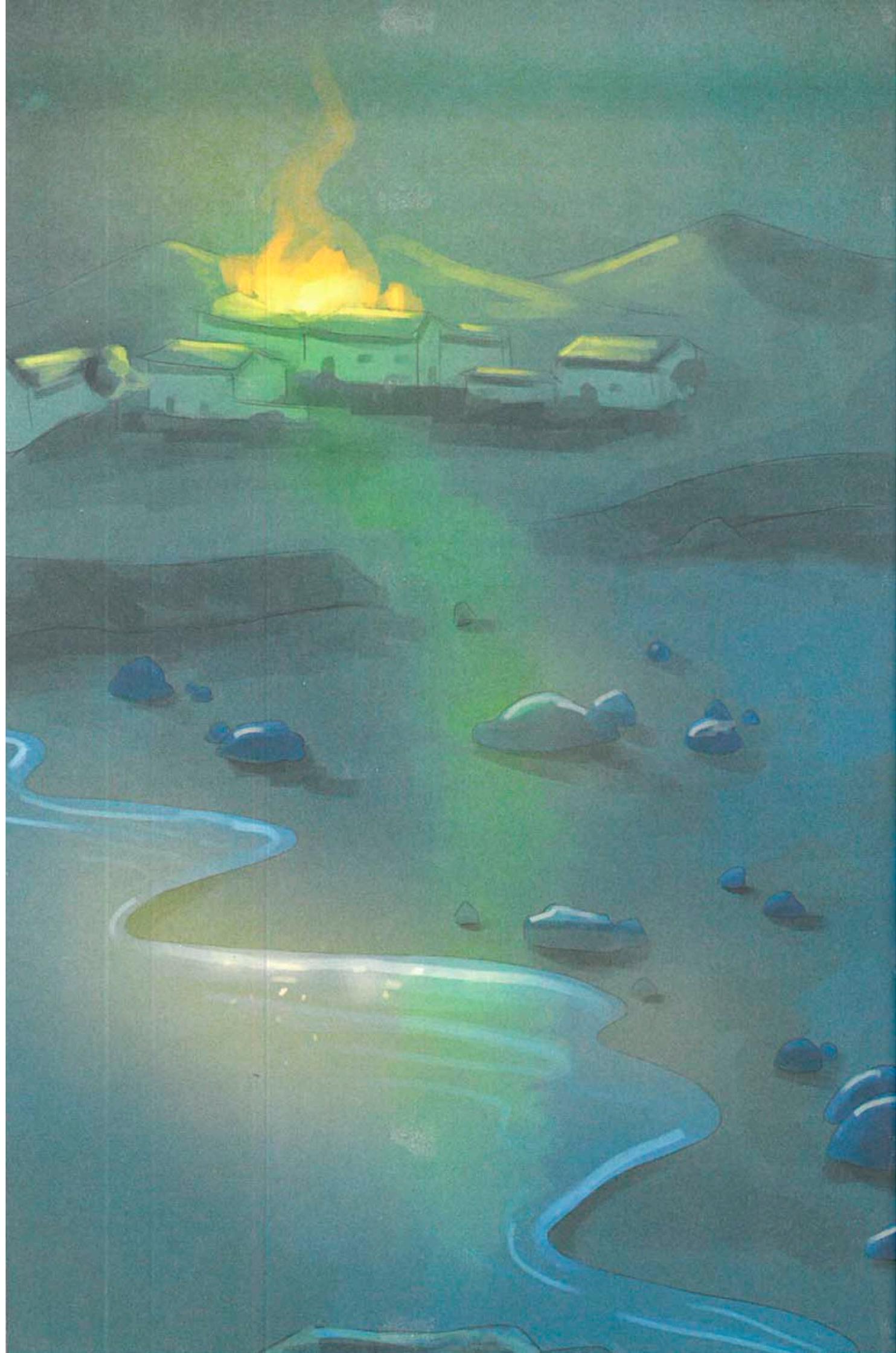
— Deve ser um cometa ou qualquer outra monstruosidade maravilhosa! — disse, enquanto atravessava o rio a coxear. Já conseguia ver com clareza as luzes da aldeia de Rodmell ao fundo.

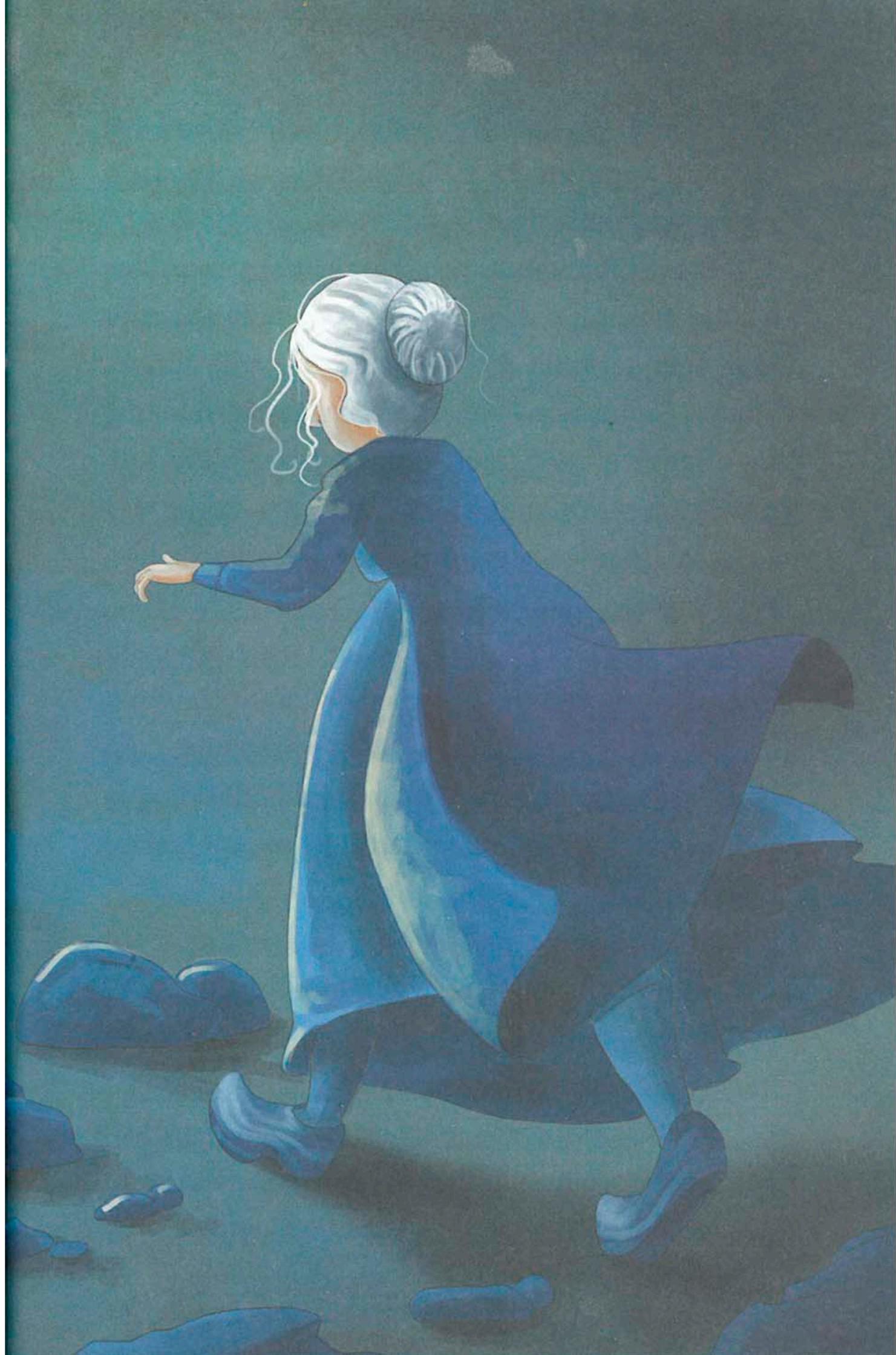
— Deus nos abençoe e nos salve! — exclamou. — Está uma casa a arder, graças a Deus!

Uma casa levaria, pelo menos, uns bons minutos a arder, o que lhe daria tempo suficiente para conseguir chegar a Rodmell.

— Está um vento maldito que não traz nada de bom a ninguém. — disse, enquanto coxeava ao longo da estrada romana. Conseguia ver o caminho com facilidade e estava quase a chegar à aldeia quando lhe ocorreu: “Se calhar é a minha casa que está a arder diante dos meus olhos!”

E estava certa.





— Venha ver a casa do velho Joseph Brand em chamas! — gritou um miúdo em pijama, saltando para a sua frente de rompante.

Todos os habitantes da aldeia estavam reunidos à volta da casa, passando baldes de mão em mão com água retirada do poço da cozinha da Monks House. Tentavam apagar as chamas à baldada, mas o fogo era tão intenso que fez o telhado ruir, precisamente quando a Sra. Gage se aproximou.

— Alguém conseguiu salvar o papagaio? — perguntou, aflita.

— Dê graças a Deus por não estar a senhora lá dentro! — respondeu o reverendo James Hawkesford, o pároco da aldeia. — Não se preocupe com os animais irracionais. Não tenho dúvidas de que o papagaio sufocou misericordiosamente no seu poleiro.

Mas a Sra. Gage estava decidida a verificar com os seus próprios olhos. Os habitantes da aldeia tiveram de segurá-la, dizendo-lhe que deveria ser louca para querer arriscar a vida por um pássaro.

— Pobre mulher, — exclamou a Sra. Ford. — perdeu tudo o que tinha, exceto uma velha caixa de madeira com os seus objetos de higiene e uma

camisa de noite. Qualquer um de nós ficaria tresloucado, no seu lugar.

E, posto isto, a Sra. Ford levou-a para casa, oferecendo-lhe guarida. O incêndio foi, entretanto, extinguido e toda a gente voltou para casa.

Mas a pobre Sra. Gage não conseguia dormir. Deu voltas e mais voltas na cama a pensar na sua desgraça e em como conseguiria voltar para Yorkshire e pagar ao reverendo Samuel Tallboys o dinheiro que lhe devia. Para além disso, sentia-se ainda mais triste ao pensar no destino do pobre papagaio James. Afeiçoara-se ao pássaro e acreditava que o animal deveria ter um grande coração para lamentar tão profundamente a morte do velho Joseph Brand, que nunca fora carinhoso com ninguém durante toda a vida. “Que morte terrível para um pássaro indefeso”, pensou. Se tivesse chegado a tempo, teria arriscado a sua vida para salvar a dele.

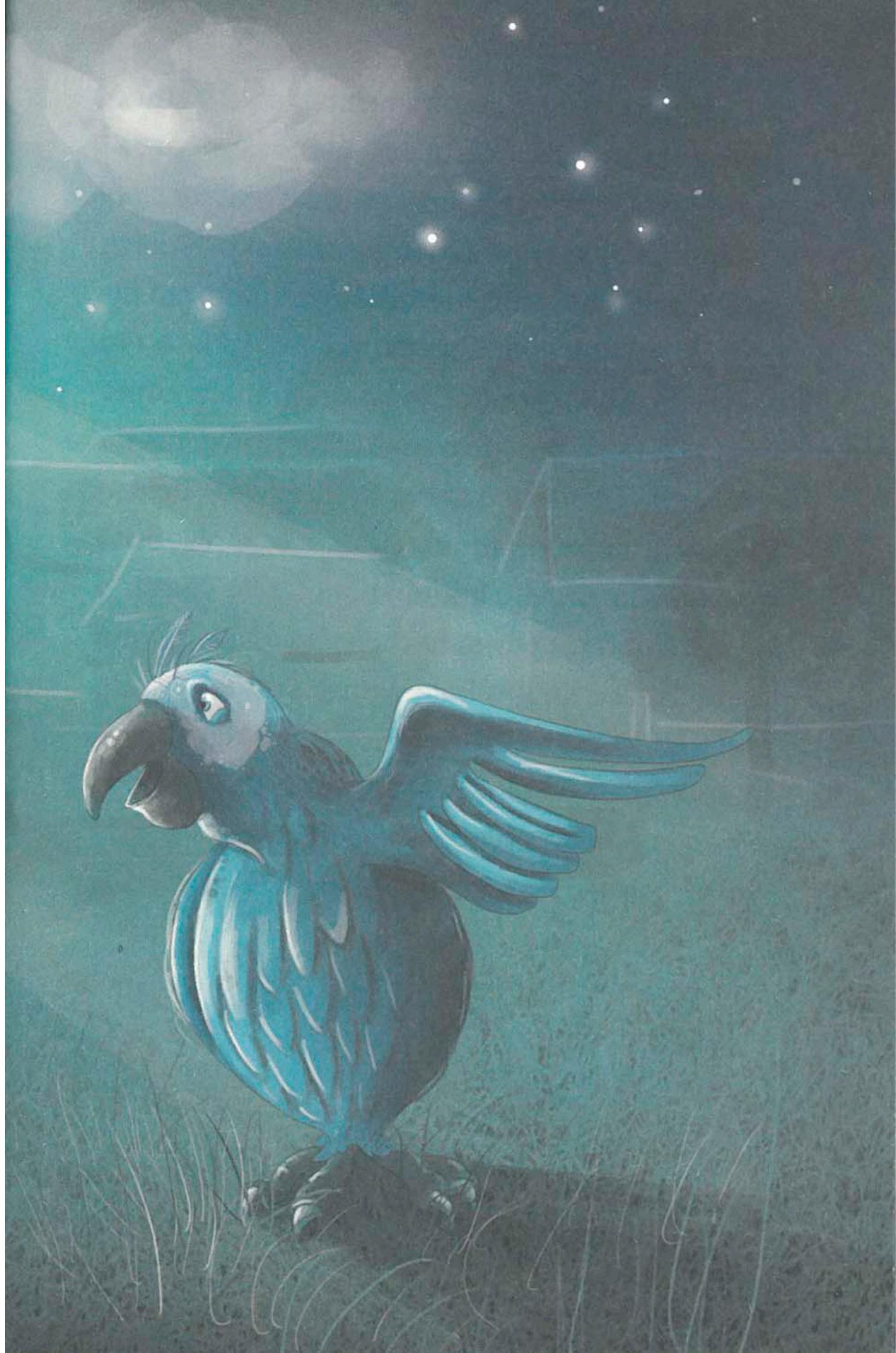
Estava deitada na cama, embrenhada nestes pensamentos, quando uma ligeira pancada no vidro da janela a assarapantou. A pancada repetiu-se três vezes. Saiu da cama da forma mais célere que pôde e dirigiu-se à janela. Quando lá chegou,

28 para seu espanto, estava um enorme papagaio no parapeito. A chuva parara, dando lugar a uma bela noite de luar. A princípio, assustou-se, mas logo reconheceu James, o papagaio cinzento, e ficou extasiada por ver que ele conseguira escapar ao fogo. Abriu a janela, acariciou-lhe várias vezes a cabeça e disse-lhe para entrar. O papagaio respondeu-lhe, abanando delicadamente a cabeça de um lado para o outro. Em seguida, voou até ao chão, afastou-se alguns passos, olhou para trás como que a verificar que ela o seguia, e voltou ao parapeito da janela, onde a viúva permanecia boquiaberta. “Os atos do animal têm mais significado do que as pessoas julgam”, pensou.

— Muito bem, James! — disse em voz alta, conversando com o pássaro como se ele fosse um ser humano. — Vou acreditar em ti. Espera só um minuto enquanto me ponho decente para sair.







32 E, dizendo isto, atou um avental largo à cintura, desceu sorrateiramente as escadas e conseguiu sair de casa sem acordar a Sra. Ford.

James estava, visivelmente, satisfeito. Pulava energicamente alguns metros à sua frente, em direção à casa incendiada. A mulher seguia-o tão depressa quanto podia. O pássaro saltitava como se soubesse de cor o caminho pelas traseiras da casa, onde ficava a cozinha. Nada restava dela, a não ser o chão de tijolo, ainda encharcado da água que lhe tinham atirado para tentar apagar o fogo. A Sra. Gage permanecia pasmada enquanto James saltava de um lado para o outro, bicando aqui e ali, como se estivesse a testar a rigidez dos tijolos com o bico. Tudo lhe parecia muito estranho e, não fosse a viúva estar habituada a lidar com animais, teria com certeza perdido a paciência e, muito provavelmente, coxeado de volta para casa. Mas coisas mais estranhas estavam ainda por acontecer. Durante todo aquele tempo, o papagaio não proferira uma palavra. De repente, entrou num estado de grande euforia, agitando as asas, batendo repetidamente no chão com o bico e exclamando “Não está ninguém em casa!

Não está ninguém em casa!” com uma voz tão alta e esganiçada que a mulher temeu que a aldeia inteira acordasse.

— Não batas com tanta força, James! Ainda te magoas. — disse, carinhosamente. Mas o pássaro repetia os ataques aos tijolos de forma cada vez mais forte.



— O que poderá querer dizer isto? — questionava-se, enquanto olhava para o chão da cozinha. À luz do luar, podia ver-se uma ligeira irregularidade na colocação dos tijolos, como se tivessem sido retirados e colocados novamente no sítio, sem ficarem devidamente alinhados com os restantes. O alfinete de ama que usara para prender o avental serviu para ajudar a escavar os espaços entre os tijolos, que se moviam com facilidade. Conseguiu, rapidamente, retirar um deles e o papagaio saltou para o tijolo seguinte bicando-o, inteligentemente, e repetindo “Não está ninguém em casa!”. A Sra. Gage percebeu que deveria retirá-lo também. Continuaram nesta labuta até criarem um buraco de cerca de dois metros por um. O papagaio parecia achar o espaço suficientemente grande. Mas para quê?

A dada altura, a velha viúva decidiu descansar um pouco e deixar-se guiar totalmente pelo comportamento do papagaio James. Mas não pôde descansar muito tempo. Depois de remexer o chão arenoso durante alguns minutos, como uma galinha a esgaravatar a areia, o papagaio encontrou o que, a princípio, parecia ser uma pedra

redonda e amarelada. Ficou tão entusiasmado com a descoberta que a Sra. Gage decidiu ajudá-lo. Para seu espanto, percebeu que o buraco que tinham escavado estava cheio daquelas pedras redondas e amareladas, tão bem alinhadas que era difícil conseguir movê-las. Mas o que seriam? E por que razão estariam escondidas debaixo do chão da cozinha? Só depois de retirarem a primeira camada de pedras, e um pedaço de oleado que estava por baixo delas, é que conseguiram ter a visão mais extraordinária de sempre — ali estavam, fila após fila, maravilhosamente polidas e reluzindo à luz da lua, milhares de moedas de ouro!!!!





Então era este o esconderijo do avarento, que se assegurara de que ninguém o descobriria tomando duas notáveis precauções. Em primeiro lugar, como se provou mais tarde, mandara construir um fogão mesmo em cima do local onde o seu tesouro estava escondido, de forma a que, se não fosse o incêndio, ninguém teria conhecimento da sua existência; em segundo lugar, revestira a primeira fileira de moedas de ouro com uma substância pegajosa, cobrindo-a depois com terra para que, se por algum acaso ficasse exposta, fosse imediatamente confundida com uma pedra vulgar.

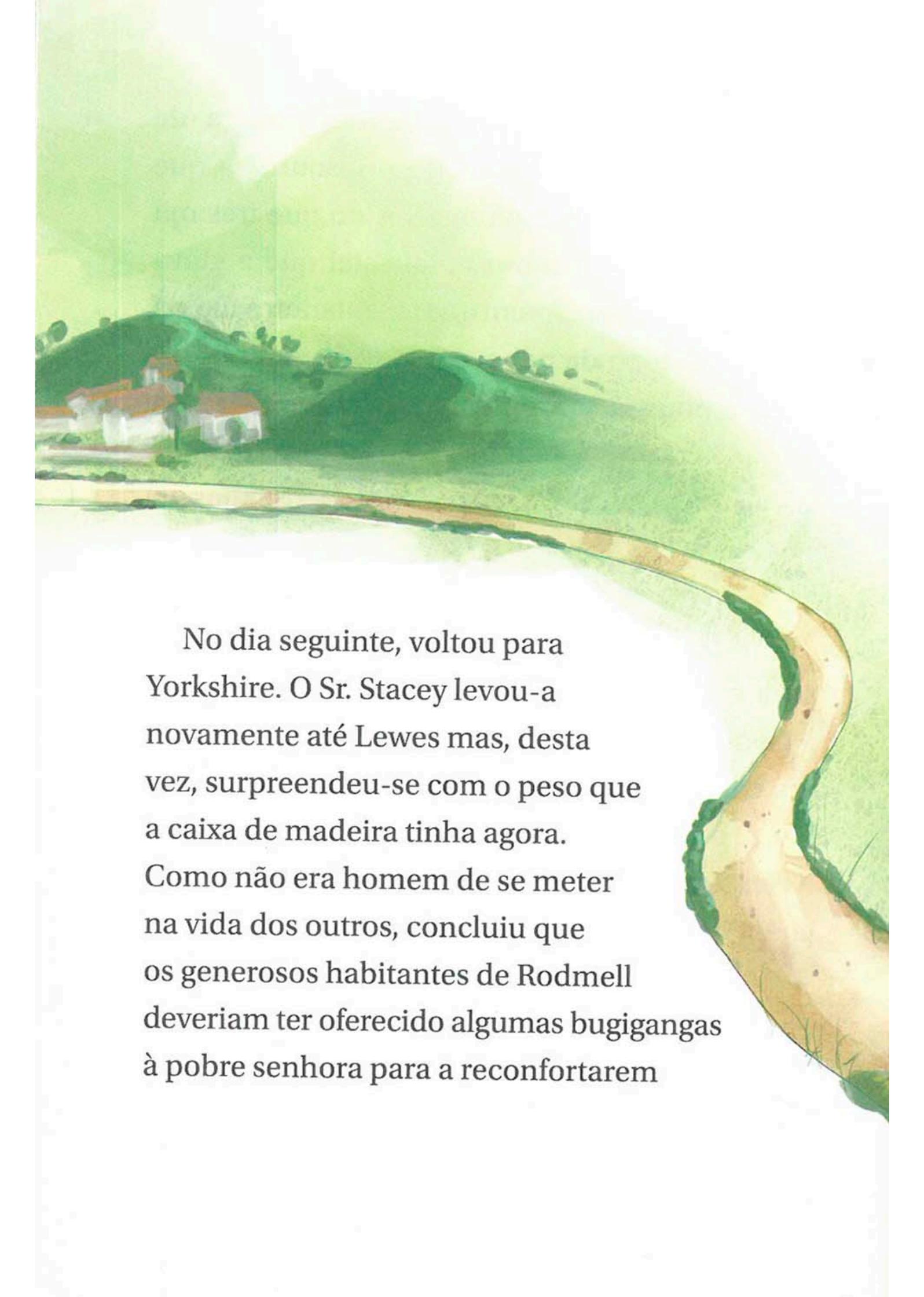


Assim sendo,  
a artimanha do velho  
Joseph só foi descoberta  
devido à extraordinária  
coincidência do incêndio  
e à astúcia de James.



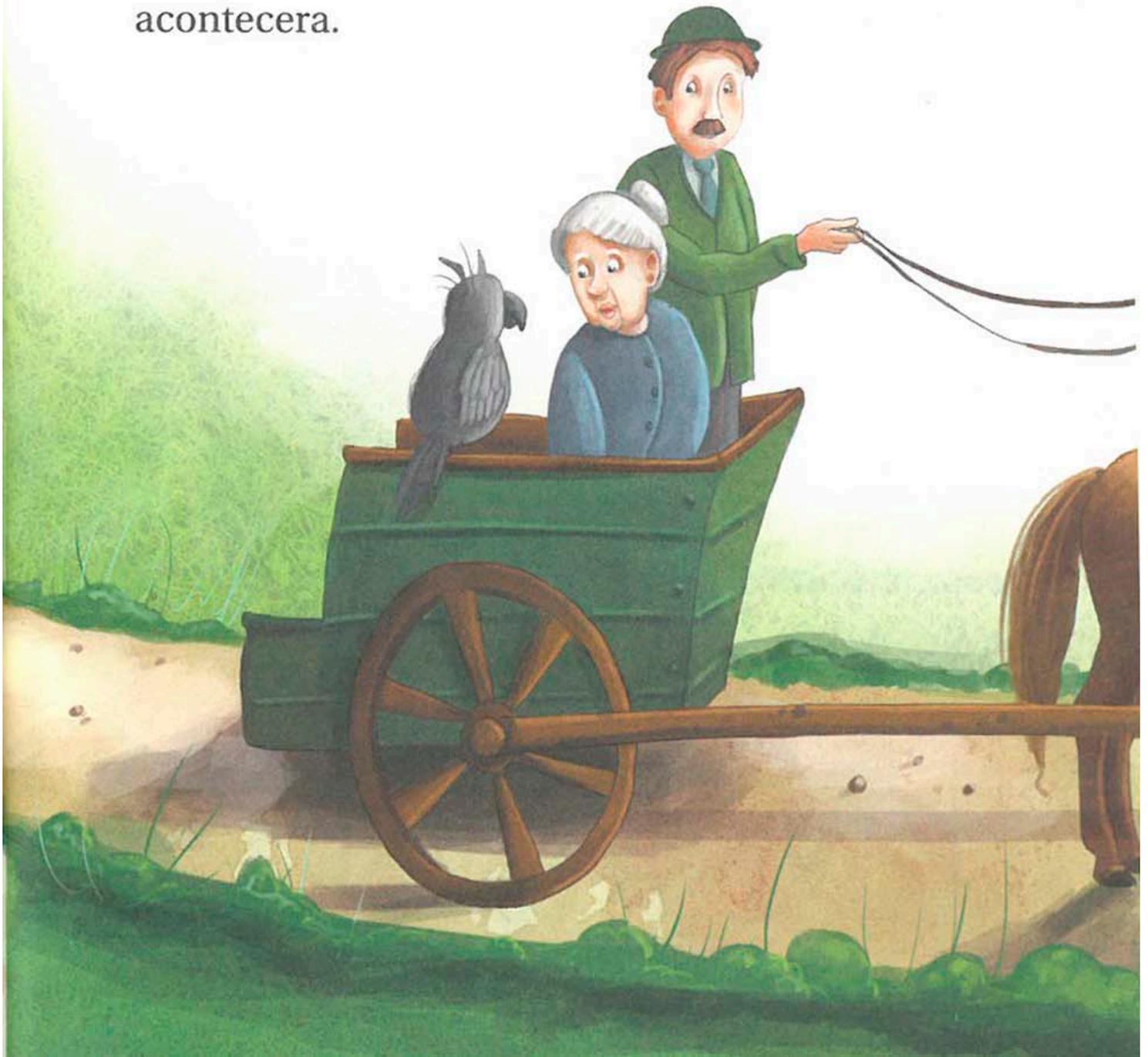
A Sra. Gage e o papagaio tratavam, agora, de remover do esconderijo todo o tesouro — que continha nem mais nem menos do que três mil moedas — colocando-o no avental que a viúva estendera no chão. Assim que assentaram a última moeda no topo da pilha, o papagaio voou triunfante e pousou suavemente na cabeça da velha senhora. E foi nestes preparos que voltaram

para casa da Sra. Ford, a passo lento, pois a Sra. Gage era coxa, como já vos expliquei, e, ainda por cima, o peso do avental era difícil de suportar. No entanto, conseguiu chegar ao quarto sem ninguém se aperceber da sua visita à casa incendiada.



No dia seguinte, voltou para Yorkshire. O Sr. Stacey levou-a novamente até Lewes mas, desta vez, surpreendeu-se com o peso que a caixa de madeira tinha agora. Como não era homem de se meter na vida dos outros, concluiu que os generosos habitantes de Rodmell deveriam ter oferecido algumas bugigangas à pobre senhora para a reconfortarem

pela terrível perda de todos os seus bens no incêndio. Por pura bondade, o Sr. Stacey ofereceu-se para lhe comprar o papagaio por meia coroa, mas a Sra. Gage recusou a oferta com tal indignação — respondendo que não venderia o pássaro por toda a riqueza das Índias —, que o pobre homem depreendeu que a senhora não deveria estar no seu perfeito juízo, depois de tudo o que lhe acontecera.



Resta apenas dizer que a Sra. Gage voltou para Spilsby sã e salva; levou a caixa de madeira até ao banco e viveu muito feliz e em grande conforto com o papagaio James e o seu cão Shag até ser muito velhinha.

Só contou toda esta história ao padre (filho do reverendo Samuel Tallboys), no seu leito de morte, acrescentando que tinha a certeza de que a casa tinha sido propositadamente incendiada pelo papagaio James que, tendo consciência do perigo que ela correria junto à margem do rio, voara para a copa e virara o óleo do



fogão onde estavam a aquecer uns restos para o jantar. Assim, não só a salvou de afogar-se como também lhe mostrou onde estavam as três mil libras que, de outra forma, nunca seriam descobertas. Esta era, segundo as suas palavras, a recompensa por tratar bem os animais.

O padre julgou que a velha senhora já não dizia coisa com coisa. Mas a verdade é que, assim que se ouviu o seu último suspiro, o papagaio James exclamou “Não está ninguém em casa! Não está ninguém em casa!” e caiu morto do seu poleiro. O cão Shag morrera uns anos antes.

Os visitantes da aldeia de Rodmell ainda podem ver as ruínas da casa incendiada há cinquenta anos e é comum ouvir-se dizer que, durante a noite, se ouve o papagaio a bicar o chão de tijolo. Há, também, quem afirme ter visto uma velha senhora com um avental branco, junto às ruínas da casa.

## Virginia Woolf

1882-1941

Escritora inglesa nascida a 25 de janeiro de 1882, no seio de uma família da alta sociedade londrina. Tinha 13 anos quando a mãe morreu e 22 quando chegou a vez de o pai, o crítico literário *Sir Leslie Stephen*, falecer. Os quatro irmãos foram então viver para Bloomsbury, um bairro londrino da classe média-alta. Em sua casa foi formado o Grupo de Bloomsbury, onde se reuniam regularmente personalidades como os poetas T. S. Elliot e Clive Bell, o escritor E. M. Forster, entre outros artistas e intelectuais. Casou, em 1912, com o crítico literário Leonard Woolf, que viria a ser o seu companheiro de toda a vida. *The Voyage Out*, de 1915, marca o início da sua carreira de romancista, mas só dez anos depois, com *Mrs Dalloway*, considerado o seu primeiro grande romance modernista, chegou o reconhecimento como escritora reputada. *Orlando*, obra de 1928, confirmou as qualidades de Virginia Woolf. A 28 de março de 1941, pouco depois de ter lançado *Between the Acts*, suicidou-se, atirando-se a um rio com os bolsos cheios de pedras.

## A Viúva e o Papagaio

Imprevisível, divertido e inteligente, este conto acompanha a aventura da Sra. Gage, uma velha viúva que descobre uma herança inesperada com a ajuda de um papagaio invulgar. “Não está ninguém em casa!”, “Não está ninguém em casa!” é só o que o papagaio James sabe dizer, mas ele esconde um segredo, assim como esta história esconde uma lição...

A coleção **Educação Literária** reúne obras de referência da literatura portuguesa e universal indicadas pelo **Programa e Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.